

## RESENHA DE LIVRO

### “O gosto do mundo: exercícios de paisagem”, de Jean-Marc Besse

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 2014.

**Felipe Rangel Tavares<sup>i</sup>**

Doutorando em Geografia  
Pontifícia Universidade Católica  
do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

<sup>i</sup> Endereço institucional:  
Vide nota de fim.  
Endereço eletrônico:  
[tavares.geo@gmail.com](mailto:tavares.geo@gmail.com)

101

*Paisagem*: um conceito-chave que remonta à tradição da ciência geográfica e revela as dimensões e alcances na compreensão da relação sociedade-natureza. Nesta obra, composta de cinco ensaios, Jean-Marc Besse propõe o desafio de ampliar e reformular o clássico conceito da Geografia. O autor considera a paisagem como um recurso para estratégias de ordenamento espacial em múltiplas escalas, apresentando a complexidade que o conceito adquire, principalmente, quando o primado da visão como condição e modo de relacionar-se com a Paisagem dá lugar a outras modalidades de experiência sensorial: paisagens sonoras, paisagens dos sabores e paisagens tácteis.

Ainda que seja um conceito-chave da Geografia, a Paisagem não é exclusiva dos geógrafos. Há diferentes pontos de vistas e discursos acerca da Paisagem. É neste sentido que, no intuito de enriquecer o conceito, Besse a reconhece como objeto de outras disciplinas e campos de estudos, como paisagismo, jardinagem, arquitetura e, também, para a sociologia, antropologia, ecologia, filosofia, etc. Assim, o autor apresenta “cinco portas” da paisagem, isto é, cinco problemáticas paisagísticas que coexistem no pensamento contemporâneo, que se justapõem e superpõem e devem ser consideradas de um ponto de vista teórico. São elas: *representação cultural, território produzido pelas sociedades na sua história, complexo sistêmico, um espaço de experiências sensíveis e um local ou um contexto de projeto*. O autor se debruça sobre os aportes teóricos e metodológicos do historiador John Brinckerhoff Jackson (1909-

1996), a quem recorre em diversos momentos da obra. As cinco portas da paisagem revelam a coexistência de racionalidades paisagísticas diferentes, e as possibilidades analíticas que elas oferecem.

Enquanto representação, a Paisagem incorpora dimensões mentais, estéticas, sociais e técnicas. Ela pode ser definida desde uma “interpretação” ou “leitura”, passando os modelos artísticos e as pinturas, como também as novas técnicas, como a fotografia, as imagens de vídeo e o cinema, até oferecer os elementos que constituem e determinam sua construção – econômicos, religiosos, científicos, políticos, filosóficos e até psicanalíticos. É interessante a aproximação que Besse constrói entre Paisagem e Território, cuja ênfase está na realidade objetiva: as inscrições, marcas e atividades produzidas e praticadas pelas sociedades humanas na superfície terrestre, por motivos econômicos, políticos e/ou culturais. Sendo assim, ele afirma que a Paisagem é um *espaço organizado* e uma *obra coletiva das sociedades*, ordem e obra, dominação e apropriação, dimensões do conceito de Território, funcional e simbólico. Entre outras aproximações, Besse conceitua a Paisagem como ambiente material e vivo das sociedades humanas, como uma experiência fenomenológica e, por último, como projeto, focalizando-a como forma privilegiada no momento de imaginar soluções que proporcionam o encontro entre “cidade e natureza”.

Denominando “geografias aéreas” esta nova dimensão do real que se revela a partir da fotografia de avião, o autor também se inclina sobre “olhar aéreo” para discutir Paisagem. O ato de observar a Terra e a contemplação da natureza são exercícios que remontam a prática fundamental do filósofo na busca da verdade, e que, segundo Besse, definem a posição intelectual do geógrafo – aquele que se distingue pela “viagem aérea”. As fotografias aéreas despertam o interesse dos geógrafos, e são compreendidas na Alemanha e nos Estados Unidos, como “principal condição de possibilidade de uma nova geografia entendida como ciência das paisagens”. No fim do ano de 1938, em Paris, ocorre o I Congresso de Geografia Aérea. Para Besse, o avião revela ao geógrafo a existência de um objeto novo, ao ponto de inaugurar uma nova época, “uma nova medida do mundo, no tempo e no espaço”. A maneira como o autor recupera a trajetória filosófica e técnica do “olhar aéreo” contribui conceitual

e metodologicamente para estudos da paisagem a partir de imagens de sensorialidade remota numa perspectiva geográfica.

Contudo, o autor afirma que é preciso questionar o sentido e o alcance dessa cultura visual da altura, elaborando a seguinte pergunta: “o que significa o fato de ver do alto, e de longe, a paisagem?”. No intuito de respondê-la, Jean-Marc Besse detém-se na distinção entre “paisagem política” e “paisagem vernacular” estabelecida por John Brinckerhoff, observando que o “político” e o “vernacular” *devem ser entendidos mais como formas ou modalidades paisagísticas que coexistem e se superpõem, às vezes, em um mesmo local* (p.115), isto é, dois aspectos da mesma paisagem. Neste sentido, a paisagem política é resultado da decisão de um poder central, tornando visível o poder que nela se inscreve, num espaço de grande escala – de grandes visões de poder – geométrico e homogêneo, espaço da ordem e do ordenamento, do controle e da dominação. A modalidade paisagística do tipo vernacular, pode ser compreendida como “paisagem habitada” ou “paisagem vivida”, onde as delimitações políticas não são fortes; a paisagem vernacular é aquela que habitamos e, por habitar, compreende-se a inscrição de hábitos, costumes, práticas e experiências no espaço. A paisagem vernacular é *fruto de uma adaptação mútua, e ativa, entre o homem e o mundo* (p.128), ou seja, é uma *paisagem existencial*, que encarna o “nosso estar no mundo”. O que caracteriza o vernacular na paisagem seria a *conversa com o local*, isto é, um conjunto de costumes, hábitos e práticas continuamente elaborados e ajustados em contato com o local, que privilegia o inesperado, a espontaneidade e a criatividade, portanto, as relações mais ligadas à apropriação (simbólica e/ou funcional) do espaço.

No quarto capítulo, intitulado “*Cartografar, construir, inventar – notas para uma epistemologia do encaminhamento do projeto*”, o autor propõe-se a refletir em torno da relação entre: i) o projeto de paisagem; ii) a cartografia; iii) a lógica do pensamento inventivo. Seu objetivo é perceber em que âmbito um debate sobre o projeto de paisagem pode ser enriquecido por uma reflexão sobre o mapa – reflexão esta, considerada a partir de uma análise da lógica intelectual que subentende os processos de invenção. O tema central deste capítulo é o surgimento da “ideia” ou da “forma interior” de projetar, isto é, a “racionalidade” dessa operação, que o autor susten-

ta ao considerar o projeto de paisagem enquanto uma cartografia do território, portanto, uma reconfiguração (cartográfica) deste. Jean-Marc Besse concebe o projeto como um *procedimento abduativo*, considerando a constituição de formas e/ou estruturas do projeto a partir de uma intuição mental/intelectual, simultaneamente perceptiva e técnica, pois abrange a experiência e o arcabouço teórico-conceitual do “inventor” ou “projetista”. De dimensão hipotética e exploratória, essa estrutura/forma que surge no plano das ideias, no espírito, *define a abertura de um eixo de pesquisas, imagens e pensamentos* (p.179), isto é, levanta problemáticas de onde a investigação e os resultados ou produtos finais tem seu ponto de partida. É no interior dessa investigação que se fabricam os objetos, pela modelização e figuração gráficas – daí a reflexão entre cartografia (mapa) e projeto, sendo a primeiro, uma antecipação e realização gráfica do procedimento abduativo, da construção e da invenção.

O último capítulo do livro, intitulado “*Paisagem, Hodologia, Psicogeografia*”, traz mais uma das contribuições de John Brinckerhoff, que em 1984 introduz a “*hodologia*” como a ciência dos caminhos, das estradas e das viagens. Falando de uma geografia vivida, mais relacionada à sensibilidade e aos sentimentos, à proximidade e ao contato com o mundo e o espaço, o autor atribui enquanto “*hodológicas*” as experiências das caminhadas, dos corpos e do espaço em movimento, *produzidos tanto no plano da realidade efetiva quanto no plano da percepção pela caminhada* (p.192). Neste sentido, seu objetivo é conceber um espaço construído pelos movimentos, sempre aberto, movediço, sempre passível de reformulação. O espaço *hodológico* é, simultaneamente, experimentado e praticado, é o espaço concreto da experiência humana, portanto, espaço da pluralidade dos “mundos” nos quais a existência se desdobra. Esses mundos da existência revelam não apenas o campo de objetividade do espaço, como também, o teor afetivo e a dimensão subjetiva do espaço geográfico, denominado pelo autor como espaço *psicogeográfico*. Esse espaço é marcado pela variação dos valores afetivos que o compõem, pela diversidade dos acentos psíquicos que se distribuem nele e pelas zonas de intensidade experimental que estão justapostas nele (p.219), constituindo um método para sua transformação, entendida por Besse como “a afirmação da liberdade possível”.

Sem dúvidas, esta obra de Jean-Marc Besse expande as possibilidades de investigação e análise que elegem a Paisagem como conceito-chave, tanto na Geografia quanto em outras áreas do conhecimento. Ao atravessar problemáticas distintas em cada capítulo, o autor oferece um instrumental metodológico rico e inovador, sinalizando a importância do conceito para os estudos e questões que se levantam na contemporaneidade.



Recebido em 22 mar. 2016;

aceito em 20 maio 2016.

<sup>i</sup> *Endereço institucional:* Rua Marquês de São Vicente, n. 225. Edifício da Amizade, ala Frings, sl. F411. Gávea. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 22451-900.